

A performance foi realizada em quatro etapas: dia 20 de outubro de 2014 e dias 14, 15 e 19 de maio de 2015, sendo que a ação funciona como um estudo sociopolítico específico, cujo ambiente corresponde a uma mesma via de dois nomes da cidade do Porto, situada entre a Torre dos Clérigos e a igreja de Santo Ildefonso. O título deste trabalho remete tanto ao objeto de estudo, o vestido (adorno considerado feminino em uma cultura heterocentrada), quanto à pessoa do gênero masculino que encontra-se coberta por um traje, vestida ou agasalhada por algum indumento. A regra estabelecida foi que, ao conseguir provar cada vestido, eu faria um autorretrato (selfie) com o traje diante do espelho e, caso eu não conseguisse realizar o meu objetivo, fotografaria o vestido exposto na vitrine. Através de um celular, captei áudio (que serviu unicamente como objeto de análise) e as fotografias que compõem o dispositivo final.



VESTIDO 1
20/10/2014
Rua dos Clérigos, nº 70
Porto, Portugal

O primeiro alvo para principiar este projeto foi uma loja especializada em trajes de casamento, onde ocorreu a experiência inicial da performance *O Outro Beijo no Asfalto* em janeiro de 2009 mesmo antes de existir este estabelecimento, o qual coincidentemente foi aberto na mesma localidade da ação referida da série *Beijos*. Nesta loja, consegui tranquilamente provar o vestido. Para confirmar o posicionamento completamente equilibrado da lojaista diante da situação, ao invés da atendente perguntar a mim coisas como “é para teatro?” ou “para qual finalidade você quer o vestido?”, a pergunta dirigida a mim foi: “qual é a data do casamento?”. Então eu é que fiquei desconcertado e improvisei uma rápida resposta.

VESTIDO 2
14/05/2015 e 15/05/2015
Rua dos Clérigos, nº 18
Porto, Portugal

Nesta segunda experiência, consegui provar o vestido. A lojaista revelou certo desconforto com relação ao rompimento de uma norma binária/heteronormativa quando eu disse que queria provar o vestido da montra. Mesmo tendo ouvido a palavra “vestido”, ela respondeu imediatamente com uma pergunta a mim: “de noivo?” Depois, percebendo que o vestido era para mim, sem conseguir assimilar bem o caso, ela perguntou: “Onde é que está a menina?”. Na minha conduta, observo dois deslizes. Quando ela me perguntou “de noivo?”, eu respondi “o de noivo; o vestido”, quando deveria ter dito simplesmente “o vestido” sem atribuir um gênero correspondente ao objeto de interesse. Quando a lojaista perguntou “onde é que está a menina?”, eu deveria simplesmente ter dito que não havia nenhuma menina e que era eu quem queria provar o vestido. A funcionária disse que eu deveria aguardar ou voltar num outro dia. Retornei às 10h do dia 15 de maio de 2015 e consegui provar o vestido. A funcionária dizia muitas vezes que modelo sem alça não poderia ser, uma vez que não tenho seios.

VESTIDO 3
14/05/2015 e 19/05/2015
Rua 31 de Janeiro, nº 229
Porto, Portugal

Nesta terceira loja, não consegui provar o vestido. A primeira maneira do lojaista impedir que eu vestisse o traje foi revelando o preço do mesmo: 3.400€. Percebo nesta estratégia uma maneira preconceituosa de me julgar impossibilitado de pagar tal preço. Insistindo, indaguei se podia provar o vestido e, então, o lojaista disse: “Não. Tem que ser com autorização, tem que ser com marcação prévia e etc.”. Ainda persistindo, perguntei se poderia fazer a tal marcação e outra atendente não conseguiu evitar: marquei uma prova para 19/05/2015 às 10 horas. Retornei à loja com certo atraso e, então, este acabou por ser o pretexto categórico para a funcionária me dizer “lamento, o vestido já foi vendido”.

VESTIDO 4
14/05/2015
Rua 31 de Janeiro, nº 118
Porto, Portugal

Nesta quarta loja, não consegui provar o vestido. Perguntei: “eu poderia provar um vestido destes da montra?”. “É para o senhor?”, perguntou o lojaista. Quando manifestei um “sim”, ele respondeu decidido: “Não. Nós não...” (pausa à procura de argumento) “É... A loja... A marca não permite que homens vistam vestidos de noiva. Peço imensas desculpas”.

VESTIDO 5
14/05/2015 e 15/05/2015
Rua 31 de Janeiro, nº 175
Porto, Portugal

Nesta quinta loja, consegui provar o vestido, mas não pude fazer o autorretrato; havia um anúncio no espelho a informar a proibição e a funcionária frisou esta condição. “Eu posso provar o vestido da montra?”, perguntei. A lojaista respondeu: “Provar como?”. Expliquei: “Vestir o vestido”. Ela: “o senhor?”. Eu: “Sim... Sim”. Eu queria experimentá-lo”. Intrigada, ela perguntou: “Por quê?”. Respondi: “Porque eu vou me casar”. Ela (sem entender): “Ah... Vai se casar...”. Ela: “mas não é normal isso”. Desconcertada, ela tenta driblar seu próprio preconceito e diz coisas confusas: “Nada. Tudo bem. Contra isso nada”. Então, ela volta a observar: “Mas não é normal”. Então, eu a questiono: “Como? Não é comum?”. Ela então começa a relaxar e até finge achar tudo “normal”. Por fim, de forma desajeitada, usa o vocativo “santa” para dirigir-se a mim como forma de mostrar que é aberta à situação. Passada a tensão, combinamos a prova do vestido para 15/05/2015. Retornei à loja e fui atendido por duas mulheres, sendo que uma parecia estar completamente à vontade e a outra (a mesma do dia anterior) fazia bastante esforço para parecer estar confortável diante da situação e falava muito e, repetidas vezes, dizia para eu me sentir à vontade. Para sondar quem se casaria comigo, ela perguntou se o meu parceiro usaria um fato. Eu inventei que ele usaria também um vestido.

VESTIDO 6
19/05/2015
Rua dos Clérigos, nº 61
Porto, Portugal

Nesta sexta loja escolhida, consegui provar o vestido. O arremate desta experiência foi tão positivo quanto a primeira; fui recepcionada com a maior naturalidade e a funcionária refreou o vestido da montra para eu provar sem questionar nada. Vesti o traje e dei a loja em menos de nove minutos sem ter que dar muitas explicações. Esqueci meus óculos e voltei para buscá-los.

Tales Frey é artista performático, videoartista, crítico de arte e encenador. Possui graduação em Direção Teatral pela UFRJ, Lato sensu em Práticas Artísticas Contemporâneas pela Universidade do Porto, mestrado em Teoria e Crítica da Arte pela Universidade do Porto e, atualmente, está em fase de conclusão de um doutorado em Estudos Teatrais e Performativos pela Universidade de Coimbra, onde desenvolveu a tese-projeto (*Practice-led Research*) *Performance e Ritualização: Moda e Religiosidade em Registros Corporais*. Apresentou trabalhos artísticos na Argentina, no Brasil, no Canadá, na China, em Cuba, nos Estados Unidos da América, na Inglaterra, na França, na Alemanha, na Malásia, no México, na Polônia, no Peru, em Portugal, na Sérvia, na Suécia e na Tailândia. É membro fundador da revista eletrônica *Performatus* e da *Cia.Excessos*, além de autor do livro *Discursos críticos através da poética visual de Márcia X* e organizador, com Paulo Aureliano da Mata, da catalogação *Evocações da Arte Performativa (2010-2013)*.